



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.02.p54-67>

O mal-estar do ser na pandemia sob uma leitura teológica

The malaise of being in the pandemic under a theological reading

Ocir de Paula Andreatta*

Resumo

O problema do mal se apresenta como um grande desafio ao saber humano, principalmente à teologia como ciência do espírito, dado a abrangência de sua manifestação nas diversas dimensões da vida, na complexidade de sua compreensão e nas ameaças ao cuidado do ser. As circunstâncias enfrentadas na existência no mundo, que trazem à consciência humana o problema do mal, manifestam um mal-estar no ser e tocam na questão do sentido e na responsabilidade moral. A atual pandemia do coronavírus trouxe um mal-estar ao ser nestes tempos que desafia à compreensão do sentido da vida. Neste texto refletimos sobre o mal-estar da pandemia, seus possíveis reflexos sobre o sentido existencial do ser e buscamos um apoio teológico ao seu enfrentamento. Nossa reflexão parte da consideração da fragilidade do ser humano em face à pandemia, a partir de dados da pandemia obtidos de informações da imprensa e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em seguida a compreensão da situação atual toca na questão do sentido da vida e da responsabilidade moral, sob a ótica ontológica de tradição aristotélica e fenomenológica de Franz Brentano e Edmund Husserl, e da filosofia existencial tal como em Kierkegaard, Paul Ricoeur e Albert Camus. Depois, com apoio em alguns textos bíblicos e sob uma hermenêutica teológica, busca-se a compreensão de uma forma de transcendência espiritual ao atual mal-estar. Finalmente, a reflexão objetiva apontar para uma compreensão mais ampla e profunda de saúde e vida.

Palavras chave: Pandemia. Mal. Mal-estar. Responsabilidade moral. Transcendência.

* Doutor em Teologia pela PUCPR, Mestrado em Filosofia, formação em Teologia e Psicologia; possui Especialização em Sexualidade Humana; é Professor universitário e pesquisador sobre o tema da Individuação no Grupo de Pesquisa: Teologia, Gênero e Educação, na PUCPR; Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Sexualidade Humana: educação e terapia, da Universidade Positivo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7921-5404>. Contato: ocirandreatta@gmail.com.



Abstract

The problem of evil is presented as a major challenge to human knowledge, especially of the theology spirit of science, given the scope of its manifestation in the various dimensions of life, the complexity of their understanding and threats to the care of the self. The circumstances faced in existence in the world, which bring the problem of evil to human consciousness, manifest a malaise in being and touch on the question of meaning and moral responsibility. The current pandemic of the coronavirus has brought a malaise to being in these times that defies the understanding of the meaning of life. In this text we reflect on the malaise of the pandemic, its possible reflections on the existential sense of being and we seek theological support for its confrontation. Our reflection starts from considering the fragility of the human being in the face of the pandemic, based on data from the pandemic obtained from information from the press and the World Health Organization (WHO). Then the understanding of the current situation touches on the question of the meaning of life and moral responsibility, under the ontological perspective of Aristotelian and phenomenological tradition of Franz Brentano and Edmund Husserl, and of existential philosophy as in Kierkegaard, Paul Ricoeur and Albert Camus. Then, with support in some biblical texts and under a theological hermeneutics, an attempt is made to understand a form of spiritual transcendence to the present malaise. Finally, the objective reflection points to a broader and deeper understanding of health and life.

Keywords: *Pandemic. Evil. Malaise. Moral responsibility. Transcendence.*

Introdução

O mundo está em plena pandemia. Um mal-estar difuso se abate sobre todos, quer pelo medo dos diversos sintomas, quer pelo alto contágio e letalidade, pela paralisação de atividades ou perda de trabalho, renda ou pelas perspectivas de mudanças em curso. O provocador de tal situação inesperada, o coronavírus, um minúsculo elemento de efeito potencial, é uma manifestação da natureza em forma de mutação genética e adaptação de microrganismo, provavelmente em resposta à degradação ambiental e à ação humana. O mal-estar ante a realidade da morte estampada pelo vírus traz à tona a consciência da vulnerabilidade humana, bem como coloca em questão as instituições sociais e políticas, incluindo as igrejas, e toca no problema do sentido do ser.

A vivência desta realidade inexoravelmente provoca a reflexão. Como ciência ou política, filosofia ou psicologia, a questão que se impõe é o imediato da ação necessária de resposta assertiva à raiz do mal. De qualquer modo, o mal-estar, por seus sintomas, também traz à reflexão a questão do mal, a prioridade vital do respeito ao meio ambiente e o sentido último da vida. À teologia, certamente, interessa pensar esta questão a partir da imanência ontológica do ser no mundo.

Como a reflexão se dá essencialmente pela pergunta e por respostas aos questionamentos, no sentido mais ontológico da questão várias perguntas podem ser feitas. O que é o ser humano no jogo da vida e da morte? O que de fato acontece ao ser do humano na contemporaneidade? Como entender e definir o mal que se configura como mal-estar de crise social e de saúde, na mais variada sintomatologia, em tempos de pandemia? Assim como as demais ciências, como a teologia interpreta e significa este mal-estar?

Neste trabalho queremos esboçar uma reflexão sobre a atual situação, colocando em foco a questão do ser humano e como o sentido deste, sob o impacto do mal-estar, pode ser pensado enquanto perspectivas da condição atual, mas sob um fundamento teológico. Para isso, pretende-se abordar, primeiro, a situação atual da pandemia no mundo e seu mal-estar, passando-se em seguida à uma reflexão geral sobre a condição atual do ser, para depois esboçar uma leitura teológica em análise de algumas referências bíblicas, mais especificamente sobre: Rm 7,17; 8,28; 12,1-3; e Hb 11,1. Por fim, pretende-se tocar na questão do cuidado e da responsabilidade moral para com a vida.

Sob os argumentos da soberania divina, da primazia do cuidado e da responsabilidade humana para com a vida, queremos abordar a situação sob o enfoque teológico, uma vez que entendemos que tais questões são essenciais aos seus fundamentos. Evoca-se hoje que a política, enquanto gestão pública do bem coletivo maior que é a vida paute a conduta de suas ações pela ciência e ética pela vida. Neste sentido também a teologia é uma ciência e tem ação pública, pois tem compromisso com o cuidado dos modos do viver, da transcendência do ser e sentido último da vida no mundo.

A finitude é a condição mais essencial da vida no mundo e mais imediata da existência do ser humano, que tem consciência desta realidade. A realidade da morte, trazida pela atual pandemia, como outras, por certo em algum momento traz às consciências a questão do sentido da vida e da infinitude.

O mal da pandemia e o mal-estar da fragilidade do ser

A busca de compreensão ao caráter enigmático e originário do conceito de mal, pelo menos na cultura de tradição judaico-cristã, segundo Paul Ricoeur (1988), muitas vezes se confunde com os fenômenos do acidente, sofrimento e da morte, ou de conceitos como pecado e culpa. Para Ricoeur (1988, p.23) existe o mal cometido e o mal sofrido, ou seja, o mal de origem no interior da intenção

humana que acomete a outro, e o mal involuntário sofrido através da ação externa de outro ou de circunstâncias existenciais. Para este autor, o sofrimento é o ponto de referência para distinguir a questão do mal entre as ideias de pecado e culpa. Por esta ótica, então, podemos dizer que o mal da pandemia é um mal sofrido, que acomete a todos no mundo, dada a forma de sua origem em um microrganismo vivo da natureza, mas que pode também vir a ser um mal cometido, na medida em que alguém transmita a outrem, conscientemente deixando ou se recusando a observar os cuidados necessários recomendados por normas e autoridades sanitárias, implicando, com isso, na responsabilidade moral para com a vida de si e do outro.

Podemos pensar que o problema central da questão do mal é que ele, de alguma forma, mostra o espelho da realidade inexorável da morte. Contudo, vale afirmar-se que, a morte não é necessariamente um mal, enquanto parte do fenômeno no mundo da vida. Todavia, observa-se que é diante da realidade do mal e da morte, ao sentir a perda da potência de seu ser, que o homem é levado a se perguntar pelo sentido último a vida.

A realidade do mal da pandemia vem se evidenciando sucessivamente de forma global a todos através de toda a imprensa mundial. Por isso mesmo, por sua intensa divulgação, torna-se uma realidade que assusta a todos, dada a rapidez de contágio e sua alta letalidade.

Historicamente, segundo Pires, Andrino, Llaneras e Grasso (2020), em reportagem no Jornal El País, as primeiras informações sobre as ações de um novo tipo de vírus começaram a surgir por volta de final de Dezembro de 2019; porém, até início de Janeiro de 2020, o novo coronavírus (SARS-CoV-2), ainda estava concentrado na China, tendo surgido naquele país na cidade Wuhan. Todavia, ao final daquele mês já somavam 10.000 infectados na China e em outros 129 países. Em Fevereiro foram registrados vários surtos na Coreia do Sul, Itália, Alemanha e Espanha. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de Fevereiro e um mês depois já se registravam mais de 1500 casos. No dia 11 de Março de 200, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o novo coronavírus como uma pandemia global.

Desde então, muitas pesquisas científicas em grandes centros de estudos em vários países do mundo e em parcerias, como na China, Inglaterra, Alemanha, Rússia, Estados Unidos da América e aqui no Brasil, em tempo recorde, buscam desvendar a natureza do vírus, produzir imunizantes e orientar a população sobre seu enfrentamento, sob a coordenação da OMS, com vistas a frear seu avanço, diminuir as mortes e minorar seus efeitos.

Desde este início de pesquisas, apesar de alguns atropelos, o Brasil se fez presente na busca de soluções. Segundo Sabrina Pires (2020), em reportagem para a Revista Veja, apesar dos atropelos, ainda no dia 28 de Fevereiro de 2020, o Brasil anunciou ter sido o primeiro país no mundo a completar o sequenciamento genético do coronavírus. O grande feito da médica pesquisadora Ester Sabino e sua equipe, diretora do Instituto de Medicina Tropical da USP, desvelando o genoma do vírus em apenas 48 horas depois da detecção do primeiro caso da doença no Brasil e o efeito deste dado tão importante para o controle do agente pandêmico, revelou a grande capacidade dos brasileiros pesquisadores em ciência.

Conforme Ansele, Zafra e Galocha (2020), em artigo para o jornal El País Brasil, de 07 de Julho de 2020, no sequenciamento genômico do vírus, num total de 30.000 letras do genoma viral, descobriu-se uma mutação na posição 23.403, onde a letra A muda para G, na sequência *ccu cgg cgg gca* das partículas genéticas do vírus, chamada de G614, que propiciou sua facticidade e facilidade de adaptação e propagação.

De modo geral, após a declaração da situação do coronavírus como estado de pandemia mundial pela OMS (UNA-SUS, 2020), em 11 de Março de 2020, os governos foram instados politicamente declararem estado de pandemia em seus países e decretarem isolamento social, regras básicas de proteção sanitárias, com rigorosa fiscalização de cumprimento e de providências urgentes em seus

sistemas e logísticas de apoio de saúde e hospitais de campanha. No Brasil, sob forte crise política, conflito de interesses e má coordenação nacional de saúde, os governos dos diversos Estados e Municípios, de modo autônomo e na forma da lei, corroborada pelo Supremo Tribunal Federal (Portal STF, 2020), seguiram as orientações da OMS e decretaram as mesmas regras a partir do dia 15 de Março de 2020.

O isolamento social, que em muitos locais e momentos chegou ao extremo do chamado *Lockdown* (fechamento total) e de toques de recolher, trouxe a exigência de encerramento em si e no espaço de morar, com abruptas restrições no trabalho, estudo e comércio, e provocou um mal-estar, de medo da morte, de contágio, com aumento de sintomas emocionais de estresse, ansiedade e pânico, e sociais de medo do “outro infectado”.

No dia 27 de Setembro de 2020, o mundo completou o triste índice de 1.000.000 (hum milhão) de mortos, e o Brasil se aproximava de 150.000 (cento e cinquenta mil) mortes e 5.000.000 (cinco milhões) de casos registrados, marcas totais que veio a atingir no dia 10 de Outubro, ainda não contada a subnotificação e os casos não contabilizados de morte por Síndrome Respiratória Aguda Inespecífica e em longínquos locais de interior.

Como análises à situação da pandemia, dentre várias publicações deste fato neste dia, destacamos dois comentários por trazerem diferentes visões críticas à tragicidade dos fatos, no jornal *El País*¹. Em *Um presente envenenado da mãe natureza*, sem apelo à metafísica, Javier Sampedro (2020) vê o impacto do SARS-CoV-2 como resposta resiliente da mãe natureza às dores causadas pela ação danosa do homem ao uso e abuso dos recursos naturais. E em *As pandoras da pandemia*, Siri Hustved (2020), usando a analogia do mito grego da Caixa de Pandora, analisa que, embora a pandemia tenha aberto sua caixa e deixado sair doenças, morte e outras desgraças e que alguns déspotas procurem um inimigo mitológico para culpar o vírus, todavia é a ação coletiva integrada que pode mudar as coisas.

Ainda que sem apelo a uma visão metafísica, percebe-se que as análises em geral veem a pandemia como um mal inexorável na natureza a se abater sobre a humanidade pelo próprio homem. O mal-estar mais evidente é o senso de vulnerabilidade captada na consciência, pois todos, absolutamente, foram colocados diante da morte, indistintamente de credo, cultura, povo, economia ou política. A morte iminente colocou a todos num estado de suspensão e intensos cuidados, pelo menos aqueles com sensatez suficiente para avaliar os dados do real pela ótica da ciência. O real colocou os saberes, as hermenêuticas, as ciências e os dogmas em questão. Desta forma, certamente também a teologia é convocada a fazer sua reflexão.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946, p.1), em sua referência ao bem-estar, a saúde é um “estado” do ser no sentido de sua integralidade: “A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. E que: “Gozar do melhor estado de saúde que é possível atingir constitui um dos direitos fundamentais de todo o ser humano, sem distinção de raça, de religião, de credo político, de condição econômica ou social”.

Ainda que seja questionável, como alguns o fazem, que este estado de ser de “completo bem-estar” seja utópico porque ufanista, certamente parecia o óbvio ao mundo recém saído das duas Grandes Guerras abordar a qualidade do viver humano em sua totalidade, tomando os termos “estado” e “bem-estar” pelo significado de integral, que aqui traduzimos no sentido ontológico de ser.

Neste sentido, o mal-estar colocou o ser do indivíduo humano em questão. É o próprio ser do humano que se recente sob este estado difuso de mal-estar ao se questionar sobre o sentido. A questão

¹ Os artigos: *Um presente envenenado da mãe natureza*, *El País Brasil*, de 27/09/2020, caderno Opinião, p.1-4, estão em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-09-27/um-presente-da-mae-natureza.html>; e, *As pandoras da pandemia*, de Michael Reynolds, *ibidem*, p.1-7, em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-09-27/as-pandoras-da-pandemia.html>. Ambos acessados em: 27/09/2020.

do sentido é a essência da ontologia. Neste caso, o mal da pandemia, de certa forma, toca na essência ontológica da alma humana. Esta intuição pode se dar pela percepção do significado que a sintomatologia da vivência da pandemia expõe na consciência, sobre a condição da finitude humana como vulnerabilidade.

Se a análise é tomada a partir de um caso qualquer, dentre os relatos evidenciados na imprensa, em todos indistintamente, a angústia da finitude frente a real e possibilidade de morte é o que se manifesta nos sintomas variados do medo, quer por atitudes de negação, pavor ou resignação e resiliência. A saúde e a sobrevivência são as angústias mais imediatas.

O problema da angústia também pode levar o indivíduo a refletir sobre os modos de transcender à situação experienciada. Neste caso, a transcendência pode ser entendida estritamente no sentido da capacidade humana de dar significação à experiência em função de sua superação. Desta forma, filosoficamente a experiência pode levar o indivíduo à reflexão da transcendência como sentido da vida através de uma narrativa de significação que dê sustentação à existência. Psicologicamente, enquanto superação, transcender é entender o fenômeno para atender as demandas das urgências emocionais, com estímulos à habilidade de lidar com sua ocorrência a partir da manifestação de seus sintomas, a fim de poder orientar as ações auto protetivas e de proteção aos outros próximos em sua imediaticidade. Cada ciência observa o fenômeno através de sua hermenêutica própria e lida com a questão do mal-estar nos domínios de sua esfera de compreensão e ação.

Neste ponto certamente seria apropriado se perguntar pelo modo de olhar da teologia ao fenômeno em questão. Como oferecimento de um ponto de vista para uma possível resposta, sob a ótica do pensamento de Edith Stein (2019), podemos sugerir uma aproximação da teologia com a ontologia. Para Stein, a questão ontológica do sentido, em que a consciência de finitude, aguçada pela realidade da morte, toca na essência da vida na terra, aponta para um sentido transcendental de toda a vida existencial no mundo.

Para Edith Stein (2019), dos menores organismos vivos ao ser humano, todo o ser da natureza no mundo da vida tem um fim (*télos*) em si. Ontologicamente este é o sentido transcendente mais imanente a todos os seres, pois todo ser vivo tem um *télos* a cumprir, já inscrito na forma ontológica de seu gênero e espécie; mas, somente o ser humano, porque tem consciência, é capaz de livremente dar sentido por si à própria existência. Contudo, esta autora não pensa o ser humano apenas ontologicamente como ente no mundo, mas também teologicamente como criatura de um Deus criador. É nesta junção entre ontologia e teologia, através de sua proposição, que podemos pensar de forma assertiva a questão do mal e seu mal-estar na pandemia em termos do sentido transcendente de sua vivência.

O agravamento do mal-estar do ser no quadro da atual modernidade

Como dissemos, a angústia pela realidade inexorável da morte é cada vez mais o mal-estar do ser no atual estágio do desenvolvimento da consciência. Não só a angústia existencial da finitude, que exige a transcendência racional do ser, como também as emoções do sujeito que o atrapalham no imediato da reação, mais ainda a resposta do senso de responsabilidade moral do ser humano frente às condições da vida na natureza e no mundo, diz respeito à teologia, como ciência do ser divino na relação com o ser humano, sujeito que detém o mandato divino sobre a criação.

Todavia, antes de esboçar uma hermenêutica teológica à questão da situação, precisamos ainda abordar outras condições atuais do ser que são agravadas por outros sintomas trazidos pelos

fundamentos ontológicos postos pelas modernas filosofias da existência, como o niilismo, o tédio e o desespero.

Colocando-se, então, o ser do homem desta contemporaneidade atual sobre um enquadramento ético contemporâneo, conforme mostra Jacqueline Russ (1999), podemos pensar que a problemática se desenha sob o contorno do vazio ético e da perda de sentido e da potência da alma do ser humano. O problema do sujeito contemporâneo, então, passa a ser então o vazio ético de sentido, e o conseqüente esvaziamento da potência da alma. Em sua vivência egóica, ao tentar esgotar o campo do possível, o sujeito viver um *carpe diem* desesperado, afastado da natureza, fonte e mãe do vigor da vida, e com uma espiritualidade existencial baseada apenas na aceitação da tragicidade da vida. Nesta situação, muitas vezes ocorre o pânico ante a inexorável terminalidade ou frente a uma doença incurável ou acidente incapacitante, aumentando o sentimento de mal-estar em termos de ansiedade, pânico e desespero.

A problemática da questão do desespero, pelo desamparo frente à realidade da morte, foi tema da reflexão desde os primórdios da filosofia ocidental. Alguns filósofos, como Sêneca (2008, p.69), chegaram a recomendar a morte como “saída pela porta dos fundos” e gesto de grandeza de espírito frente à impossibilidade da vida: “Queres ser livre em relação ao próprio corpo? Habita-o, pois, como se fosses migrante. Propõe-te que, cedo ou tarde, esta companhia virá a faltar: mais forte te sentirás quando tiveres que deixa-lo”.

O homem moderno é acima de tudo um sujeito racional. A racionalidade filosófica trouxe ao sujeito da modernidade algumas características que influíram permanentemente na construção da visão de mundo e na questão do fundamento da existência. Segundo Colette (2009), o ceticismo e o niilismo fundamentam o modo existencial do sujeito contemporâneo; sendo, o ceticismo, o carácter racional do cético ou daquele que coloca pelo exame, sob suspensão, os juízos de valor e os dogmas de verdade; e o niilismo, a atitude radical do cético em negação à existência de uma realidade substancial, metafísica ou transcendente. Neste sentido, o sujeito desta atual modernidade, de qualquer forma e apesar de toda a religiosidade, fundamenta seu modo de ser sob a égide da razão existencial e com esta condiciona o modo de ver a realidade e estreita o fundamento de confiança.

O sujeito autônomo contemporâneo, conforme Canto-Sperber (2005), por sua própria representação configura sua vida e determina sua própria realidade. O mundo, então, não passa de apenas “minha” representação e “minha” experiência. A racionalidade, neste caso, potencializa a autonomia de ser, buscada desde os filósofos gregos, mas por seu turno, também exigiu cada vez mais a ampliação de espaço à liberdade nos limites da moral. Neste sentido, conforme esta autora, é que vários pensadores do Séc. XIX passam a atacar continuamente a metafísica e a religião, como às guardiãs da moral. Mudar a religião era mudar a moral e libertar o sujeito. A busca pela liberdade, sob o pressuposto da autonomia, potencializa o indivíduo a tornar-se também o deus de si mesmo, enquanto despotencializa a natureza humana, tornando-a apenas pulsão de vida, na concretude objetiva do ser no mundo.

A crescente racionalização que separou sujeito e mundo, que subjetivou o corpo, desvalorizou a alma e passou a transvalorar todos os valores, teve como consequência a desespiritualização do ser humano, como um sujeito fragmentado ao mundo e um indivíduo de “apego” ansioso à vida física, onde qualquer “perda” o angustia e desespera e o deixa dependente do ego. Este egocentrismo levou a um crescente esvaziamento da potência de vida do ser.

O ceticismo e o niilismo trazem para a consciência a finitude e o sentimento de desamparo, que muitas vezes se traduz no desespero. Passa-se, mesmo sem se querer, a pensar mais na morte. Camus (2012, p.23) pergunta: “Diante destas contradições e destas obscuridades, será então preciso acreditar que não há relação alguma entre a opinião que se tem sobre a vida e o gesto que se faz para abandoná-la?” Para ele também a esperança religiosa no além não é remédio, mas uma “esquiva mortal” para

não se assumir a vida no mundo, fática e finita. A pulsão da vida, como “esquiva” da morte, é vista pela vitalidade do corpo. Todavia, este niilismo esvazia o espírito, esgota a alma e desvaloriza a vida que e se vive no corpo e no mundo.

No apego de um homem à sua vida há algo mais forte que todas as misérias do mundo. O juízo do corpo tem o mesmo valor que o do espírito, e o corpo recua diante do aniquilamento. Cultivamos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar. Nesta corrida que todo dia nos precipita um pouco mais em direção à morte, o corpo mantém uma dianteira irrecuperável (CAMUS, 2012, p.23).

O foco da reflexão contemporânea posto sobre a existência, sob a ausência da metafísica, deixa à mostra o problema humano da angústia. Em *O Conceito de Angústia*, analisando o tema do “pecado” e como este passa do ato de Adão ao gênero humano no grande teste humano (Gn. 2-3), Kierkegaard (2013, p.48) diz que a novidade desvelada pelo ato foi o de *ser-capaz-de*: “Existe apenas a possibilidade de *ser-capaz-de*, enquanto uma forma superior da ignorância e enquanto uma expressão superior da angústia, porque esta capacidade, num sentido superior, é e não é, porque num sentido superior ela a ama e foge dela”. A angústia, portanto, é o elemento que caracteriza o ser do humano, após adquirir “espírito” ou um *eu* consciente de si.

Kierkegaard pensa o homem original Adão como criado em estado de *inocência*. O ato do pecado, que precipita a *queda*, após a tomada de consciência de si, lança-o num estado de *ignorância*. O desencadeador do mal é o “saber”, por isto não deve comer do “fruto do saber”, pelo qual consequentemente “terá de morrer” (Gn. 3.3). Este despertar do sono da inocência para a angústia da própria ignorância feita pela capacidade de saber o querer, na verdade, é efetivada pela força do contrário (dialética) contida na proibição do “dele não comerás!”. “Quando, pois, se admite que a proibição desperta o desejo, obtém-se ao invés da ignorância um saber, pois neste caso Adão deve ter tido um saber acerca da liberdade, uma vez que o prazer consistia em usá-la”. Assim, a proibição reforça o desejo e desperta a angústia: “A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade” (KIERKEGAARD, 2013, p.48).

No estado de queda, onde a inocência é ignorância, o mal é a *angústia* e o mal-estar, a *culpa*. Neste estado, diz Kierkegaard (2013, p.40; 46): “A angústia tem aqui o mesmo significado que melancolia...”. Por isso, “A inocência é algo que se anula por uma transcendência”. É o eu ou o espírito finito que busca tal “transcendência” através do Espírito infinito (Rm 8,16).

O espírito (eu), então, é o que regula a tensão entre a ansiedade e a melancolia em favor do vigor da vida. Em *O Desespero Humano*, Kierkegaard (2001, p.34) diz que “O eu é a síntese consciente de infinito e de finito relacionada com a própria síntese, o que não se pode fazer senão contando com Deus”. Assim, de modo dialético nesta síntese de finito e infinito, o eu tenta equilibrar na busca do finito pela infinitude; porém, diante do medo da morte, o desespero pode se tornar a “doença mortal” do humano.

Daí, em *Temor e Tremor*, ao analisar o ato de liberdade e fé de Abraão (Gn 22), Kierkegaard (1979, p.129) diz que a fé total no absoluto ser é o único remédio, como um “salto de trampolim no infinito”. A transcendência, buscada no decurso da individuação da vida no mundo, de qualquer *locus* espiritual aceito por Deus, é o remédio de resposta ao mal-estar da vida do ser.

Todavia, como já vimos, reiteramos que a opção existencial pelo nada (niilismo) é fonte de angústia, desespero e tédio, pela falta de sentido que esgota a potência da vida, a qual está na alma. Com a declaração da “Morte de Deus”, Nietzsche (2006, p.129) marca para o homem ocidental a liberdade total e o fim do “controle” da “moral religiosa”, através da negação de sua fonte, o “Deus moral”. Portanto, homem deixado *só e por si, livre e potente*, fica também vazio e com medo do salto

no escuro da morte. Neste sentido, a condição atual do sujeito sob efeitos da pandemia agrava a aflição de espírito.

Hermenêutica teológica possível para a transcendência do mal-estar

Se a aflição de espírito é a característica do sujeito contemporâneo, isto nos leva a pensar no modo de ser e de viver como o desafio de uma ética em termos do cuidado à vida, primeiro como cuidado de si e logo também como cuidado do outro. A teologia é a ciência por excelência que trata das questões do espírito, do qual se gera a esperança. As questões do ser até aqui discutidas apontam para a emergência do cuidado à vida, desde o cuidado de si até ao cuidado do outro, em todas as dimensões da vida no mundo. Mas isto exige, para além dos fracassos dos sistemas éticos e dos acordos bioéticos, um resgate do conceito de espírito como essência do ser humano.

Para a teologia, desde Agostinho, a transcendência se dá como espiritualidade na interioridade do sujeito. Em termos do sentido da vida, isto significa a condução da vida no mundo em direção à eternidade do ser. Neste sentido então, concordando com Croatto (2010), espiritualidade e religiosidade são experiências com linguagens diferentes e complementares; a espiritualidade sendo a interioridade da consciência que compreende à medida do espírito que transcende; e a religião, a multiculturalidade da experiência humana no modo coletivo de viver do indivíduo dentro da tradição a que socialmente pertença. Neste sentido, sob uma consideração ontológica da dignidade da vida, cabe à teologia a reflexão, o diálogo, o cuidado e a ação pública intersubjetiva com respeito ao sentido último da vida.

Neste sentido, o mal posto pela pandemia, ainda que por um microrganismo da natureza *phýsis*, também deve instigar o trabalho hermenêutico, ético e estético da teologia. Certamente, pelo fundamento hermenêutico do princípio da *Sola Scriptura*, a ética cristã deve ser entendida a partir das Sagradas Escrituras, mormente aquela exposta por Cristo desde o *Sermão da Montanha* (Mt 5-7), e sua estética é a do amor fraternal comunitário, em compaixão, solidariedade e cuidado de si através do outro (Mt 7,12).

Isto, todavia, ainda diz respeito somente à ação imediata do cristão diante do mal para minorar o mal-estar a todo ser, criatura de Deus. Para dar conta de um significado e sentido à inexorabilidade do mal sofrido, entretanto, é preciso um olhar reflexivo lançado mais além. Neste sentido, vale, conforme Louis Berkhof em sua *Teologia Sistemática* (1990), o óculos hermenêutico da *soberania divina* sobre todas as coisas na estrutura do universo, na natureza *phýsis*, bem como no acontecimento do mundo da vida, pois tudo está em Deus.

Entretanto, como anuncia Paul Ricoeur, no discurso *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia* (1988), diante da inexorabilidade e misterialidade da ação do mal, resta, inicialmente, o “silêncio do monturo”, como em Jó 2,11-13 e o lamento no canto poético do luto (*kiná*) de Jeremias. Isto, todavia, não descarta de que o teólogo vista os óculos bíblico-teológico da soberania de Deus conforme vista por Paulo: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8,28). Segundo esta passagem das Escrituras, todos os seres humanos são objetos do propósito divino de salvação e que assim todas as vivências têm um propósito de bem, ainda que sob um senso de mal-estar e sob a tragicidade cotidiana do mal. Desta forma, há um controle divino sobre todas as *coisas* e fenômenos no mundo. Deus é soberano sobre tudo.

A ação soberana de Deus sobre todas as coisas e ocorrências na facticidade da vida no mundo pode ser conhecida pela razão humana na medida da compreensão da vontade divina. Em outra

passagem, Paulo diz que é possível conhecer a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12,2), na medida em que o sujeito em sua interioridade esteja ligado a Ele como a um “culto racional”, ou seja, de *consciência*. Portanto, a consciência é o campo de transcendência pela compreensão da essência das vivências, conforme a interpretação e significação que as coisas recebem através da racionalidade.

Este é um modo de reflexão hermenêutica fenomenológica, que pode se aplicar tanto à interpretação da referência bíblica, como também sobre o sentido transcendente da realidade fática vivida das coisas no mundo da vida. Esta hermenêutica se fundamenta com os recursos filosóficos de conceitos da fenomenologia. O método fenomenológico, segundo Husserl (2000), foca-se na captação do sentido essencial da *vivência*, como ela se dá na intencionalidade da consciência. Para Brentano (1874/1935; II, I, § 5-9), a *intencionalidade* é o movimento perceptivo da consciência, como “consciência *de* algo ou *para* algo”; logo, as coisas aparecem na consciência do sujeito como fenômenos, tanto físicos como psíquicos, num fluxo de duplo atravessamento: *objetivos*, do mundo fora; *subjetivos*, do mundo dentro. Para Husserl, os objetos, fatos ou eventos em ocorrência no mundo da vida são manifestações de fenômenos (*phainómenon*), de cuja estrutura a coisa mesma só se expõe a face (*phaíno*) sob a luz (*phos*) intencional da consciência. Em Edith Stein (2019), a intencionalidade da consciência é como uma espécie de “tela de projeção de percepções”; em sua “in-tensão” (*intentio*), como se fosse uma corda de violino esticada ou uma película de tambor, que quanto mais distendida mais capta a ocorrência de objetos psíquicos ou físicos em sua disposição, também capta o sentido transcendental da vida entre o finito e o infinito.

Entretanto, qual o sentido da vivência da atual pandemia? Há um modo de se compreender esta vivência como vontade de Deus? Conforme o texto bíblico de Romanos 8,28, qual seu propósito? Onde se encaixa nisto a responsabilidade humana?

Seguindo o texto grego (1984) de Romanos 8,28², podemos analisar que o mesmo inicia pelo conhecimento da consciência relacional do ser divino na interioridade do ser humano. Desta forma, pois, “Sabemos” (*oidamen*), que, para aqueles que são “amados/acolhidos” (*anapôsin*) por Deus, no sentido de que os que são objetos do amor de Deus também correspondem amando a Deus quando dependem dele; nesta mútua relação interior é que “tudo coopera” (*panta sunergei*), “para o bem” (*eis agathón*), ou seja, “em direção ao bem” maior da vida, que é Deus; pois há um “propósito” (*ousin*) para tudo que ocorre na vida de todo o ser humano “chamado/convocado” (*próthesin kletois*) por Deus. Todavia, sabemos pelas Escrituras que todo o ser humano é chamado pelo desígnio divino à graça da vida.

Paulo corrobora o aspecto subjetivo do conhecimento da vontade divina na vivência, quando fala que o propósito transcendente das coisas vividas é instrumentalizada pela compreensão da razão (Rm 12,1-2) e vivificada pela “medida de fé” (*métron písteos*; Rm 12,3). É desta forma, como por um *princípio de confiabilidade* do espírito, que o “justo viverá da fé” (Rm 1,17). Desta forma, conforme o autor da Carta aos Hebreus (Hb 11,1), a fé é o “firme fundamento” à interioridade do ser, como uma hipóstase ou “substrato” de sustentação da alma sobre toda e qualquer vivência.

Por esta hermenêutica, na vulnerabilidade do sentimento de medo da morte, a angústia da finitude, a ansiedade do isolamento social ou a sensação de perda de emprego, saúde, ganho, amigos, ou outros efeitos das circunstâncias da pandemia, é possível e mesmo necessário aquietar o espírito colocando a alma em plena confiança na instância superior de um ente maior, absoluto, eterno – Deus – que tem tudo em suas mãos, das quais nada escapa. De fato, esta é uma tarefa que requer a cooperação entre razão e fé. A proteção, que a presença divina traz ao coração humano, é tanto uma

². Οἶδαμεν δὲ ὅτι τοῖς ἀγαπῶσιν τὸν Θεὸν πάντα συνεργεῖ (ὁ Θεὸς) εἰς ἀγαθόν τοῖς κατὰ πρόθεσιν κλητοῖς οὖσιν (Rm 8,28). O texto grego também pode ser encontrado na forma online, disponível em: <https://biblehub.com/whdc/romans/8.htm>. Acesso em: 10/10/20.

apropriação de fé quanto uma compreensão de razão na firmeza do ser eterno. Diante do medo de qualquer realidade que põe em risco a integridade da vida, o ser humano ainda pode por sua confiança na fidelidade do ser divino, e gozar do consolo da esperança de sua proteção, tal como Davi no Salmo 23.

Considerações Finais

Pudemos ver que a potência da vida está no interior do ser e que a espiritualidade é uma busca de compreensão e confiança na interioridade para com Deus e que, por esta relação, podemos descobrir em cada circunstância um propósito que afirma a integridade desta vivência. Portanto, é o coração humano o lugar de possibilidade de transcendência e sentido da vida humana finita em relação com o divino. Certamente é neste sentido, pois, que a poesia proverbial da sabedoria bíblica exorta: “De todas as coisas que se devem guardar, guarda o teu coração, por que dele procedem as fontes da vida” (Pv 4,23). O “coração” (*leb/lebab*), a que se refere o texto e a que se deve “guardar”, diz respeito ao núcleo interior do ser do indivíduo humano.

O fundamento de que, a potência da vida que revigora o ser se desvela do profundo interior da própria alma, leva a considerar de novo com seriedade a retomada da espiritualidade, enquanto interioridade, como a transcendência que se alcança no próprio processo da individuação humana, pela compreensão do sentido da vida. Todavia, este itinerário da consciência do eu, passa necessariamente pela convivência com o outro. E sabemos que a prioridade do bem do outro é a essência da ética cristã proposta no Evangelho.

Entendemos que a teologia é convocada, junto a outras ciências, ao desafio da compreensão do mal-estar do ser gerado pela pandemia atual. A teologia faz constante reflexão sobre a vivência e o sentido da vida. Para a teologia, o referencial à ideia de saúde é o conceito de *saúde integral* do ser, o que concorda com o estabelecido pela Organização Mundial da Saúde desde o primeiro artigo de sua Constituição (1946): “A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. É a este “estado de bem-estar” que a teologia vem reclamar a inclusão da *espiritualidade* como complemento ao conceito.

Não se pode pensar o lugar da ética fora da consideração primordial do humano como pessoa, como estrutura ampla e complexa que se encerra numa totalidade imanente da vida, mas que também noéticamente transcende a si perante o infinito e é, por mandato divino, o guardião da vida em todas as suas formas de existência no paraíso deste mundo. A ética que aqui discutimos é a reflexão ética prática, apontada para a saúde do ser. Portanto, sua prática se afirma no *cuidado*, uma vez que o *descuido*, tão característico desta época, tem banalizado a vida, cercanda-a de incerteza e insegurança.

No âmbito teológico, coloca-se a ética do Evangelho, que propõe, como atitude de fé e amor, inverter a lógica do cuidado de si através do cuidado do outro, quando diz: “Tudo o que quereis que os homens vos façam, assim fazei-o também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12). A ética do Evangelho propõe uma relação sagrada de amor e alteridade com o outro.

A teologia, como ciência que se propõe ao conhecimento das relações do divino com o humano, desde a história dos mais longínquos antepassados até as crises existenciais do humano moderno, relaciona-se com a saúde através de pastorais, onde faz teologia prática a partir de práticas pastorais.

Por trás de todo o problema do descuido há o mistério da presença e da ação do mal e suas manifestações como mal-estar no mundo. Paul Ricoeur (1988, p.47), diz: “Concluindo, queria sublinhar que o problema do mal não é somente um problema especulativo: exige a convergência entre pensamento, ação (no sentido moral e político) e uma transformação espiritual de sentimentos”. O

mal-estar do ser é um desafio à ética prática da teologia, porque exige o *agir*, o *pensar* e o *sentir* e uma transformação espiritual interior.

De onde vem o mal? Em sua crise de conflito subjetivo Paulo responde: “o mal habita em mim” (Rm 7,20). Igualmente, nas *Confissões*, Santo Agostinho, perguntando-se pela origem do mal, o identifica no interior da natureza da vontade, uma intenção de mal, como tendência para a ação perversa. Diz Santo Agostinho (1973, p.131): “Esforçava-me por entender (a questão) – que ouvia declarar – acerca de o livre-arbítrio da vontade ser a causa de praticarmos o mal, e o vosso reto juízo o motivo de o sofrermos”. Para Agostinho, há um mal metafísico no cosmos, mas, sobretudo, é o mal moral que conflita o homem e afeta sua ação. Na ética paulina não há solução definitiva para o mal-estar do humano em estado de pecado (queda), enquanto o homem estiver “encerrado neste corpo de morte” (Rm 7,24); todavia, há esperança pela fé na “graça de Jesus Cristo” (Rm 7,25).

Assim, pois, em conclusão, podemos pensar que também toda a situação de mal-estar vivida por decorrência do mal natural da pandemia, tanto está sob o controle soberano de Deus, quanto tem o propósito de reforçar a convicção de que a vida tem em Deus a esperança da garantia de eternidade.

Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. SP: Abril Cultural, 1973.

ANSEDE, Manuel; ZAFRA, Mariano; GALOCHA, Arthur. **A enigmática mutação do Coronavírus que agora domina o planeta**. Jornal El País – Brasil, 07 de Julho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-07-07/a-enigmatica-mutacao-do-coronavirus-que-agora-domina-o-planeta.html>. Acesso em: 07/07/20.

BERKOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

Bíblia Sagrada. Tradução da Sociedade Bíblica do Brasil. SP: Barueri, 1993.

BRENTANO, Franz C. H. H. **Psicología desde un punto de vista empírico**. Revista de Occidente, Madrid, 1935. Disponível: lacavernadefilosofia.files.wordpress.com/2008 Acesso em: 10/10/20.

CAMUS. Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

CANTO-SPERBER, Monique. **A inquietude moral e a vida humana**. São Paulo: Loyola, 2005.

COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

HUSTVEDT, Siri. **Um presente envenenado da mãe natureza**. Jornal El País Brasil, de 27 de Setembro de 2020, caderno Opinião. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-09-27/um-presente-da-mae-natureza.html>. Acesso: 17/09/20.

GINGRICH, W. **Léxico do NT Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1986.

MARÍAS, Julián. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KIERKEGAARD, Soren. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

KIERKEGAARD, Soren. **Temor e Tremor**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Organização Mundial da Saúde. **Constituição da OMS**. Nova Iorque, 22/07/1946, ONU, disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organizacao-Mundial-da-Saude/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswwho.html>. Acesso em 14/04/15.

PIRES, Luis Sevillano; ANDRINO, Borja; LLANERAS, Kiko e GRASSO, Daniele. **O mapa do coronavírus: como aumentam os casos dia a dia no Brasil e no mundo**. Jornal El País – Brasil, de 20 de Novembro 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/03/12/ciencia/1584016924_318538.html. Acesso: 20/11/20.

PIRES, Sabrina. **Porque o Brasil foi o primeiro a sequenciar o genoma do coronavírus**. Revista Veja, de 06 de Março de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/por-que-o-brasil-foi-o-primeiro-a-sequenciar-o-genoma-do-coronavirus>. Acesso: 06/03/20.

Portal STF. **STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19**. Site oficial de notícias, em 15 de Abril de 2020. Disponível: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>. Acesso: 15/12/20.

RICOEUR, Paul. **O Mal: um desafio à filosofia e à teologia**. SP: Papyrus, 1988.

RUSS, Jacqueline. **Pensamento ético contemporâneo**. Trad. Constança Marcondes Cesar. SP: Paulus, 1999.

SAMPEDRO, Javier. **As pandoras da pandemia**. Jornal El País Brasil, de 27 de Setembro de 2020, caderno Opinião. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-09-27/as-pandoras-da-pandemia.html>. Acesso: 17/09/20.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Aprender a Viver: Cartas a Lucílio**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

KURT ALAND et al. (Eds.). **The Greek New Testament**. Stuttgart, 1984. Disponível em: <https://biblehub.com/whdc/romans/8.htm>. Acesso em: 10/10/20.

UNA-SUS. **Organização Mundial da Saúde declara pandemia do novo Coronavírus: mudança de classificação obriga países a tomarem atitudes preventivas**. Site oficial governamental de notícias, em 11 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 20/08/20.

Recebido em 15/10/2020
Aceito em 06/02/2021

*Received 10/15/2020
Approved 02/06/2021*